Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

ANNO 1.º | **Aveiro, Sabbado 21 de Julho de 1883** | NUMERO 30

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. de Araujo e Silva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Bernardino Machado, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Carlos L. d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Ernesto Pires, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gastão Mesnier, Guiomar Torresão, Henriqueta Eliza da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Sèguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray, J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz Magalhães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Manuel Bernardes Branco, M. Rodrigues Vieira, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

Summario

Os phyloxeras da liberdade por A. F. d'Araujo e Silva.

Ao Oceano, poesia por Lourenço d'Almeida Medeiros.

A Pluma Branca por Julio.

A cholera por Augusto Rocha.

Combyo mixto por Carvão.

OS PHYLOXERAS DA LIBERDADE

> *Os homens do passado*, esses nada esquecem; vivem das nossas discordias, d'ellas se alimentam; os nossos enthusiasmos por mais nobres avivam-lhes o rancor; hoje mesmo, se olharmos em torno de nós, vel-os-hemos confundidos na turba, de sorriso nos labios, com a esperança=a medonha esperança!=a illuminar-lhes o traiçoeiro coração...
>
> * * *

Tresandando a incenso e myrra e espargidos com agua benta sediça tiveram as honras de entrada n'esta redacção dous folhetos que um devoto qualquer de D. Miguel I se dignou offerecer como resposta ao artigo que publicámos sob a epigraphe—*A festa da liberdade.*

Apesar de todos os esforços da nossa obscura intelligencia ainda não attingimos bem o alcance d'esta luminosa idea do Catholico legitimista! Um dos librecos intitula-se «*A legitimidade e o sr. Mendes Leal*» e o outro «*D. Miguel e a sua realeza.*» Em ambos apparece a seguinte dedicatoria escripta á penna:

Ill.mo sr. Redactor da «Locomotiva»

« Em resposta ao artigo inserto no Jornal a *Locomotiva*, n.º 24, de 7 de Julho « de 1833=a festa da... *liberdade*=, como « Catholico Ligitimista offerece um

Aveirense

Respeitamos as convicções individuaes, quando filhas de sentimentos não corrompidos, porque entendemos que a liberdade santa implantada pelo immortal D. Pedro IV não persegue, como o Miguelismo se persuade, os que não commungam as ideas do progresso e da civilisação.

Perfilhe cada um as ideas politicas que quizer com tanto que não saia fora da orbita legal e que não impugne o direito constituido na nossa familia liberal.

Não admittimos, porem, que os adeptos das trevas nos queiram prohibir as nossas expansões jubilosas n'uma festa explendida tributada a D. Pedro IV, ao rei soldado, a esse heroe magnanimo que, pondo de parte as regalias do paço e a grandeza da côrte, veio arrostar entre os 7:500 bravos com todos os perigos para fazer surgir d'entre as trevas da atrocidade, do crime e das perseguições miguelistas a sacrosanta e frondosa arvore da liberdade.

E' pura tolice querer demonstrar que D. Miguel foi um bom rei e que era o legitimo herdeiro do throno de D. João VI.

A historia immorredoura do cerco do Porto pronunciou o seu veredictum, ha muito tempo. Contra factos não ha argumentos.

D. Miguel chegou a reinar abusivamente *in partibus*. Creio que o catholico legitimista não poderá negar que a Ilha Terceira nunca o reconheceu como rei mantendo-se fiel á rainha D. Maria II.

O nome de D. Miguel é um nome de arrepiar os cabellos! Foi por esta rasão que no nosso artigo, que tanto maguou o catholico legitimista, não quizemos pronuncial-o!

Bom cavalleiro D. Miguel era muito dado ao *innocente* divertimento de touradas, ás *pandegas* da caça, e acompanhava com individuos cujo comportamento *exemplarissimo* insufflava na alma do principe do direito divino os mais ferozes instinctos e os mais sanguinarios intentos.

Sua mãe, D. Carlota Joaquina, que possuia seus *pellinhos* no coração não deixava tambem de lhe suscitar ambições e represalias.

Embalado n'estas tão *santas* inspirações tão proprias para acalentar D. Miguel, não podia o principe obter um curso mais completo da arte de governar.

Se elle deu ou não boa conta de si, n'este ponto é á historia a quem compete dizel-o.

De mãos dadas com a sua *querida* mãe e fazendo quatro *figas* ao seu *idolatrado* pae tramou perfeitamente a celebre conjuração da rua Formosa contra as instituições liberaes nascidas da resolução de 1820.

Tinha então esta *creança* 20 annos quando principiara a pôr em acção a sua prespicacia tyrannica que tão excellentes fructos produziu mais tarde.

Inimigo da liberdade e querendo considerar os seus *futuros* subditos—verdadeiros touros n'este *picadeiro* nacional, poz-se á frente da tristemente celebre contra-revolução da «*Villa-Francada*» em 23 de maio de 1823.

De *garrochas sanguinarias* em punho nem o proprio D. João VI, seu pae, quiz poupar empregando taes meios de violencia que o monarcha, faltando cobardemente ao seu juramento de fidelidade á carta para não perder a corôa, não teve remedio senão deixar-se ir na corrente e secundar os reaccionarios.

Valeu-lhe esta *nobilissima* acção a distincta honra de vir de Villa Franca para Lisboa n'uma carruagem movida não por mulas, machos, cavallos, egoas ou jumentos, mas sim por bons fidalgos, que d'est'arte queriam dar a D. João VI uma sincera prova de reconhecimento.

Que bons tempos e que excellentes motores de sangue azul!

A *caranguejola* trindatica de D. Carlota Joaquina, D. João VI e D. Miguel, dignos uns dos outros, não se aguentou por muito tempo.

O principe *toureiro* desde que se viu nomeado commandante em chefe do exercito, imaginou logo que obteria facilmente para os seus pratos de sobremesas as cabeças dos liberaes, instigando n'esse sentido seu pae D. João VI que de modo algum quiz ir feito no negocio de tal *fructa*.

Como nada conseguiu por este lado, mudou de tactica propagando a ideia de uma conspiração de pedreiros livros e chamando ás armas as tropas do reino.

Fazendo com que seu pae ficasse incommunicavel na Bemposta e guardado á vista mas em verdadeira prisão, mandou prender diversos ministros e personagens importantes. Como *bom* filho que era, o que elle pretendia ser, era fazer abdicar o pobre D. João VI; mas saiu-lhe o calculo errado, porque a 9 de maio de 1824 fingindo o monarcha um passeio a Caxias meteu-se a bordo da nau *Windsor Castle*, e poz-se ao fresco para o extrangeiro tendo previamente mandado chamar D. Miguel para o reprehender e demittir do cargo de commandante em chefe de exercito. Durante a ausencia do *querido* esposo, D. Carlota Joaquina não deixou de trabalhar na *vinha do senhor* levada pelos conselhos do seu querido Miguel.

Quando D. João VI voltava a Lisboa em 14 de maio de 1824 descobriu-se uma conspiração que deveria rebentar a 26 de outubro. A *querida* mãe e *fiel* esposa foi mandada presa por Queluz por haver tomado parte activa nos trabalhos da *santissima* empreza.

Que *santa* familia e que lar domestico!

Não ha duvida alguma de que D. Miguel, acompanhado sempre de maus individuos, era quem enredava a familia n'estas poucas vergonhas, que são um descredito para o paiz.

A sua mania favorita era ser rei absoluto! Infelizmente lá chegou pelo emprego dos meios mais indecorosos.

Graças á sancção cabalistica dos tres *estados* e á corrupção das opiniões, S. M. subiu os *sagrados* degraus do throno em 7 de julho de 1828!

Antes de chegar ahi, teve uma *brilhantissima carreira*. O assassinato praticado em Salvaterra na pessoa do Marquez de Loulé é uma das maiores nodoas do principe do direito divino. Se não foi o proprio executor, pelo menos, segundo a opinião d'aquella época, deu o plano e foi o inspirador. Bons figados, na verdade.

Logo que empunhou as redeas do governo poz em movimento os fachos da vingança e as mais iniquas perseguições!

Appareceram logo as alçadas do Porto e Madeira, atulharam as cadeas do paiz 14:000 presos barbaramente tratados, forjaram-se immensos processos sem a mais leve culpa. A plebe ignara e sanguinaria por exemplos ferozes d'um rei algoz assassinava por toda a parte com toda a sem ceremonia! Quando em Villa Franca passavam uns 70 liberaes presos á ordem do tyranno a relé miguelista atirou-se a elles, assassinando-os todos!

Não se diga que era o Conde de Basto o culpado d'estas atrocidades. D. Miguel ia ao leme em tudo quanto era sanguinario. Tinha tido boas licções nas touradas e nas bodegas ao lado de picadores e fadistas, seus mais dilectos companheiros.

Desde 25 d'abril de 1828 até 31 de julho de 1831, foram confiscados os bens a 80:000 familias, presos 26:270 pessoas de ambos os sexos, degradadas 1:600 e executadas 39!!

Além d'isso homisiaram-se 5:000 individuos e emigraram 13:700!

Como epilogo a esta historia de martyrios vieram as 29 execuções de 23 de agosto de 1831 em virtude da revolta do 4 de infanteria.

Basta de sudario! Podesse o tempo passar a esponja nas paginas da historia onde factos tão revoltantes mancham o credito de uma nacionalidade!

E não toleram que chamemos a D. Pedro IV um heroe digno da admiração da Europa?

Ah! nunca este paiz deixará de o considera como um benemerito da patria.

O seu nome fulgura brilhantemente ao lado dos iniciadores da revolução franceza.

Abdicando a sua corôa do Brazil, veio ao seu berço natal arriscar a propria vida em prol de uma causa nobre e humanitaria. Foi pouco?

Se tinha defeitos inherentes á condição humana, o seu coração tão religiosamente guardado no sanctuario da capella-mór da igreja da Lapa, no Porto querido, tinha inspirações grandiosas de liberdade, predicado que nunca se encontrou no coração de bronze de D. Miguel.

Basta dizer que depois da convenção de Evora Monte D. Pedro amnistiou seu irmão ingrato, concedendo-lhe a saida para fóra do reino com a pensão annual de 60 contos de réis!

Por causa d'esta concessão não soffreu ainda poucos insultos e desgostos D. Pedro que ainda tinha pena de D. Miguel.

Ah! D. Pedro, D. Pedro, que se perdes a tua nobre empreza tinhas n'esta época, não o coração guardado no sanctuario da Lapa, mas a cabeça espetada n'um alto poste arvorado nas praias do Mindello.

A. F. d'Araujo e Silva

Ao Oceano

A tua voz, ó monstro, agora prolongando
O surdo, rouco accento,
Medonha, se levanta e ruge ameaçando...
Em ti ah! como absorve, enleia o pensamento!
Não vês a terra e o céo alegres permutando
Raios de vida e amor, sorrisos innocentes?
E tu, alvoraçado, espumante, sem freio,
Porque rolas convulso em turbilhões dementes?
D'onde vem essa raiva em que te ferve o seio?
O que é que nos esconde a grande natureza
E assim te punge e move a tanto desatino?
Mysterio algum fatal provoca-te a fereza?
Lamentas do universo o misero destino?
Porque soltas, uivando, esse gemer profundo?
D'uma sorte imperfeita acaso são as magoas?
Pouco a pouco em teu bojo ha de sumir-se o mundo,
Mas irá resurgindo á flôr das tuas agoas!
Por onde a vaga livre ostenta o azul formoso
Já presentes o cerro erguido, a selva densa?
De tudo que ha-de ser no quadro magestoso,
N'essa visão immensa,
Inquieto, desvairado,
Estarás antevendo após milhares d'annos
Voltem a mesma lida, os mesmos desenganos,
E sempre o mesmo enfado?
Qual é o teu pezar? Quem sabe os teus segredos?
Como as feras teu dorso encurvas e meneias,
E te arremessas doido aos ares, aos rochedos;
Que soffres, ou que anceias?
De quem t'aggravas tu? Que valem teus clamores?
Caricioso embala, e volve a onda lasciva:
Não te queixes em vão! As setinosas côres
A tua face aviva:
Não ergas nunca mais os titanicos hombros
A esses teus roucos sons de cólera imponente...

. . . . . .

Eis de dentro de ti, ao teu feroz lamento,
Uma como onda vem de mysterios e assombros,
M'invade e turva a mente!
Não bastam para ti o luxo, os esplendores
Dos sêres que geraste?! Aqui sem movimento
A' imagem são das flôres!
Em seu brando tecido,
Se a mesma essencia a tudo influe o mesmo alento,
Talvez vibre, quem sabe! a aspiração confusa
Para um fim mais subido!
Do polypo não vês desligar-se a medusa?
Garridos e flammantes,
D'espressão juvenil, serena, encantadora,
Por elles se refrange e circula uma aurora;
Iris que nos sorri nas côres palpitantes,
Electricas, festivas,
Quaes caprichos da luz, miragens fugitivas,
São comtudo reaes, sensiveis creaturas!
Vosso jardim perenne em tantas formosuras,
Qu'exprime ou insinua, ó flores animadas?
Além no teu azul se movem e reluzem
E em seus clarões febris e vagos nos seduzem!
Aquelles a tremer nas fórmas delicadas
Lá deixam fluctuar, as ondas iriando,
As suas franjas d'ouro, argenteas, purpurinas:
Mais acesas agora e logo desmaiando
D'estes estão pendendo as bagas crystallinas;
Por onde o sol enfia os raios cambiantes:
Repassados do vivo, ethereo e meigo lume
Sempre lindos, gentis, em suas variantes,
Renovam dentro em si o encanto do Oriente:
E de todos resumbra um candido perfume:
São d'uma arte sem nome o enigma commovente!
As leves sensações, a fina contextura,
Os lampejos subtis das côres sempre vivas,
A molleza, a doçura,
Não traduz o pincel ás tuas sensitivas!
Explica-me o que diz a luz esquiva, duvidosa
Que no organico prisma ora ondula, se irrita,
Ora froixa, amorosa,
Estremece, palpita?
Aspiração, capricho, alegria, folguedo,
Occulta lei da vida, algum outro segredo?
Da haliótide a concha a si mesmo illumina,
Onde a perola cresce e colhe a doce alvura,
Esse mimoso brilho, e virginal frescura,
Que attrae, que nos fascina,
Outro dos filhos teus uma lua fingindo
Seu pallido fulgor ás tuas noites lança,
Lento vae esparsindo
Como rubis ardendo em chamuças de esmeraldas,
Dos biphoros tu sempre alumias a dança;
Em discos, em festões, em franjas, bordaduras,
Coroas e grinaldas,
Em globos que por ti discorrem iflammados,
Em repuxos, a luz diffundes, transfiguras:
Nas côres joviaes, ó magico oceano,
Vence a tua caverna os salões mais doirados
De um rico soberano!
Tu n'uma gotta d'agua a creação resumes,
Dos salpas, vibriões, kolpodes, verticellas,
Onde colheste os germes,
E occultas os cardumes?
Na turba a pollular dos mais infimos vermes,
N'uns atomos com vida, o que é que tu anhelas?
Essas cores accesas
Desejos não dirão, ardor, impaciencias
Das almas qu'estão presas
Nas baixas existencias?
Matrix de gerações infindas, estuante,
O berço qu'embalaste a creação infante,
Das ridentes feições, das torvas cataduras,
Dize d'onde lhe veio a origem, e os modelos?
Essas descommunaes, tão horrendas figuras,
Como as que os sonhos dão aos negros pesadelos,
A's fórmas mais gentis como é que tu misturas?
Tu d'onde concebes as polpas sugadoras,
Que os braços a mover assim como serpentes,
E no perfido olhar vigiando traidoras,
Com effluvios mortaes, magneticos, torpentes,
Vão no ronco sinistro o abysmo annunciando?
Quem ha-de intender os symbolos estranhos
D'esse mundo que em mil figuras e tamanhos,
E nunca socegando,
Constante se revolve, obscuro, indecifravel?!
Onde ouves a teus pés as lavas soluçantes,
Ahi mesmo és fecundo, e sempre inesgotavel
E as flores singulares,
Entre a vida e a materia assim como hesitantes,
Mandrágoras, coraes, gorgonas, meandrinas,
Ainda guarnecendo os teus secretos lares
Os seres indistinctos,
Povoando sem fim teus valles e collinas
Em vivos labyrinthos,
Seu aspecto risonho,
A feiticeira luz, as continuas miragens,
Tudo isso me perturba, é vertigem, é sonho:
E absorto escuto agora os teus urros selvagens!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A PLUMA BRANCA

Foi ha dois ou tres dias, que o Eduardo, um amigo meu que é official de marinha, me contou a historia da *Pluma branca*, no Martinho, emquanto tomavamos uns copos de cognac com agua de Seltz e gelo, E' curiosa a historia e principalmente verdadeira.

— Conheceste a condessa Maria? perguntou-me Eduardo.

— Conheci perfeitamente, uma mulher formosissima, muito elegante muito distincta, que pela sua belleza, pela sua *linha* aristocratica e interessante, pelo seu vivo espirito e pela sua esmerada illustração, dava o tom na sociedade que frequentava; uma mulher realmente encantadora e que, estando separada ha annos do marido, um estroina, que desempenha uma commissão no ultramar, era notada pelo seu exemplarissimo comportamento apezar das assiduas e ousadas cortes que lhe eram feitas pelos rapazes que então se tornaram notaveis nas letras, no jornalismo, no *sport*, e nas salas.

— E' essa mesma, eu tinha desoito annos, sahira guarda-marinha e não sei que acaso me levou a encontrar-me com a bella condessa Maria. Escuso de dizer que no fim de alguns dias de convivencia estava loucamente apaixonada. Fiz a minha declaração, fui acolhido delicadamente, mas repellido em toda a linha. Perdi a esperança, mas não perdi a paixão ardente que sentia por aquella mulher que reunia tudo quanto de mais bello póde phantasiar a imaginação quente d'um poeta. Felizmente recebi ordem de embarcar e parti para a minha primeira estação naval. Tres annos —pensava eu—tres annos, são decerto mais do que sufficiente para esquecer uma mulher, ainda que ella se chame a condessa Maria. Engane me redondamente. O meu ideal era praticar qualquer acto, qualquer feito brilhante, que me fizesse recommendado aos olhos e ao coração da condessa Maria, que se fallasse de mim, que o meu nome viesse nos jornaes rodeado de phrases bombasticas Eu tinha n'esse tempo 20 annos incompletos. Por mais que procurasse a gloria não a encontrei; o meu serviço, como o dos meus collegas, sabes, limitava-se a fazer divisões no meu navio e a si de vez em quando á terra passeiar ou walsar nas salas do governador. Uma vez porém consegui ir ao Cabo da Boa-Esperança onde se faz o grande commercio das pennas do avestruz, essas formosas pennas que adornam os elegantes chapeus das nossas gentis senhoras. Uma penna d'um avestruz selvagem conseguido com risco da propria vida era um presente bom! Dito e feito. Uma madrugada fui para o interior e depois d'uma enorme lucta—de que sahi muito ferido em resultado d'um violento coice que me deu um animal—como sabem é esse o systema de defeza dos avestruzes, consegui matar uma d'essas immensas aves africanas, e arrancar-lhe uma das suas formosas pennas, a penna mais formosa que até então tinha visto, nitida, alva um verdadeiro encanto. Os jornaes inglezes do Cabo fallaram d'esta aventura, da minha imprudencia, que não se explicava de modo algum, porque no mercado havia pennas lindissimas e muito baratas; os jornaes portuguezes, do ultramar, traduziram o caso é que, quando cheguei a Lisboa, com a minha penna, chegava tambem a noticia do meu brilhante feito, feito que eu sinceramente—achava um pouco comico—uma aventura que tivera por resultado um coice!... No dia seguinte ao da minha chegada fui visitar a condessa Maria, e levei-lhe a pluma branca, pedindo-lhe que a usasse, como prova de sympathia por mim. Agradeceu-me muito, conhecia já a historia da caçada, em que eu arriscára a vida, prometteu-me que a usaria, n'um chapeu que mandára fazer e assim foi e depois vieram as confidencias e... não sei como, o caso é que, ás oito horas da noite, quando sahi do elegante palacio do Avenida Herculano, a condessa Maria era minha amante Era eu o seu primeiro amante, jurou-me, e eu acreditei a, que seria o ultimo, accrescentava, cingindo-me nos seus bem contornados e finos braços alabastrinos. Durante seis mezes ninguem nos vio na sociedade, quando de repente uma ordem do ministerio da marinha me obrigou a embarcar para Macau. Parto, que remedio. E' inutil descrever o que foram as despedidas, a dor profunda que apparentou a condessa Maria. Quando voltei, um anno depois, a condessa estava em Paris. Mas, disse-me, Eduardo, vamos toma um pouco de ar; a narrativa d'este caso ainda hoje me faz uma impressão profunda.

. . . . . .

De braço dado, a caminho do Chiado, caminhamos por algum tempo silenciosos.

D'ahi a pouco Eduardo perguntou-me:

— Lembras-te de D. José de Menezes?

— Lembro, sim, conhecia-o muito pouco, porque elle vivia n'uma sociedade inteiramente differente da minha, mas recordo-me que antes de ser nomeado para o consulado, que ainda hoje occupa, se me não engano, era considerado em Lisboa como um elegante de primeira força; as mulheres adoravam-n'o, dizia-se, e accrescentava-se que eram numerosas as que lhe tinham sacrificado a sua reputação, reputações de que elle aliás não fazia mysterio, contando os mais intimos pormenores d'essas aventuras, em cavaco alegre, nas salas do Gremio.

— Pois esse D. José fazia a corte á condessa Maria. Ella recusara-o sempre, segundo m'o disse muitas vezes. Quando voltei de Macau encontrei o no Chiado e enfiando-me o braço instou muito para que fosse jantar com elle. Eu não podia supportar o D. José, mas não sei por que instincto acceitei o convite. Morava elle n'uma rez-de-chausseé na calçada do Salitre, sabes, uma casinha que ali ha, sahindo, do lado esquerdo, muito elegante, muito appetitosa, digno quadro d'uma mulher formosa. O quarto de *toilette*, principalmente, era um verdadeiro *bijou*. O que porém mais me prendeu a attenção, foi a ornamentação de uma das paredes; d'alto a baixo, n'uma estranha confusão, abjectos os mais extraordinarios que é possivel imaginar-se mostravam-se, seguros por pregos pequenos, amarellos. Viam-se sapatos de mulher, de setim branco, botas de pellica dourada e de seda preta, meias de seda, umas azues claras, abertas, outras vermelhas, constelladas de pontinhos brancos, em forma de cruz, muito juntos, ligas de metal, outros de froco, um chapeu de rendas pretas, com um ramo de rosas e jasmins, uma umbella, e como remate um espartilho, comprido, em que a dama, quando o usasse, devia estar como que dentro d'uma armadura guerreira. Por aqui e por ali, ao longo da parede, e correspondendo a cada um d'esses objectos, retratos de mulheres, algumas das quaes eu conheci por ter encontrado os originaes ahi pelas salas, pelos theatros, em Cintra, em Cascaes, em toda a parte emfim onde se reune a aristocracia e a alta finança. Lancei a D. José uns olhares interrogadores e elle comprehendendo, respondeu-me com a sua voz cansada, indifferente, como por demais:

— Retratos e brindes que algumas senhoras, que teem sido amaveis comigo, me teem dado, em recordação de horas passadas agradavelmente para ellas, aqui, n'este humilde tugurio.

Achei reles e pelintra o procedimento d'aquelle D. José, que pretende ser o D. Juan das nossas pallidas Elviras, mas nada disse e continuei a examinar curiosamente o vasto arsenal amoroso. Repentinamente como que um horrivel calafrio percorreu-me todo o corpo, as pernas vergaram-se-me, uma nuvem de sangue passou-me pelos olhos, cambaleei, julguei que ia perder os sentidos tão profunda e lancinante foi a dor recebida.

Entre os *recuerdos* que enchiam a parede do quarto de D. José, resaltava no fundo verde bronze de forro, uma pluma de avestruz, d'uma alvura e d'um brilho deslumbrante, como nunca se vira outra, se não a que eu trouxera da Africa para a condessa Maria, e que fora por muito tempo o alvo das attenções das elegantes da nossa primeira sociedade. Seria a mesma? Maria teria assim trahido os seus juramentos? não tinha sido eu o seu primeiro e ultimo amante? Ter-se-ia ella entregado a esse devasto conquistador dos *trottoirs*, que não viu no amor senão a satisfação d'um desejo brutal e o prazer de contar aos amigos mais uma aventura? D. José, apesar de eu estar de costas, percebeu o que se passava em mim—conhecia bem o meu romance com a condessa—e disse-me:

— Acha bonita essa pluma, não é verdade? Nunca houve melhor em Lisboa. Foi a inveja da nossa sociedade... tenho-a ha pouco tempo. A gentil dama, que por muito tempo a usara, deu-m'a depois d'uma noite de amor e de embriaguez, antes de partir para o estrangeiro.

Deves calcular o effeito d'estas palavras; não havia duvida, a condessa era amante de D. José. Pretextei uma dor de cabeça e sai; D. José acompanhou-me á porta rindo ironicamente.

. . . . . .

Tinhamos chegado ao largo de Camões. Eduardo estava evidentemente incommodado; pedi-lhe que guardasse para o dia seguinte a continuação da historia.

— Não, faltam apenas duas palavras, conclue brevemente. Escrevi á condessa uma carta infame; em que lhe disia, cheio de ciume e colera, tudo quanto de mais duro e desagradavel para o ouvido fino e casto de uma mulher, inventou a lingua portugueza. Ella não respondeu. Depois o D. José teve, como sabes, um duello por causa de uma aventura semelhante, e como ficasse gravemente ferido e julgasse morrer, fez confissões completas. As mulheres cujos retratos possuia, nunca tinham sido suas amantes, conseguiu roubar as photographias e expol-as assim, para se vingar das recusas que tinha soffrido. Com a penna de avestruz aconteceu o mesmo. Mandou-me chamar e entregou-m'a. Era um covarde esse D. José. Pediu-me perdão e recusei-lh'o. Sendo-lhe impossivel a vida em Lisboa, onde ninguem lhe estendia a mão, pediu e obteve o consulado onde está ainda hoje. A condessa regressou de Paris e está residindo no seu salão, um esplendido palacio cuja fachada principal se mira nas aguas tranquillas e crystallinas do rio Lima, a mais deliciosa habitação que ha talvez em Portugal. Escrevi-lhe enviando-lhe a pluma, contando o que se passava e pedindo perdão. Respondeu que me perdoava, mas que fizera o protesto de viver vida, só e isolada, e que nada a demoveria d'essa ideia nem mesmo a grande sympathia que sentia por mim, unico homem que amara, dizia, em toda a sua vida.

. . . . . .

E aqui está a historia da *Pluma Branca* que me foi contada, ha dois ou tres dias, por Eduardo, um amigo meu que é official de marinha, no Martinho, emquanto tomavamos um copo de cognac com agua de Seltz e gelo.

JULIO.

A CHOLERA

A Europa está mais uma vez ameaçada da invasão do terrivel morbo asiatico. Todas as informações officiaes e particulares concordam em que a molestia explosiu violentamente em Damietta, cidade com 30:000 vizinhos, a 158 kilometros *NE* do Cairo, a 128 kilometros *E* de Rosetta, sobre um braço do Nilo, que vai lançar-se no Meditteraneo, 11 kilometros abaixo, no sitio da Damietta dos Cruzados.

Segundo os dados conhecidos até ao presente appareceram casos incontestaveis de cholera em Mausourah, em Alexandria, no Cairo, em Porto-Said; isto é, parece que de Damietta, como um centro, a molestia vai subindo o Nilo e açoutando como um latego de fogo as costas maritimas do Egypto. Alguns dão-n'a tambem em Malta; e houve já quem a visse em Antuerpia, no coração da Europa central, commerciante e navegadora.

Estas noticias, propagando-se com a rapidez vertiginosa da electricidade, tem posto em sobresalto os povos e os governos; e por toda a parte, abandonadas todas as idéas theoricas e optimistas, se trata de executar as velhas medidas de sequestração, que mais conducentes parecem ao fim de submetter e debellar o inimigo no local da explosão. Assim é que um apertado cordão sanitario involve Damietta; a Russia percorre inquieta o Mar Negro com os olhos sollicitos e severos; a Sublime Porta vigia desde Damasce a Scutari, desde Symrna até Salonica, e accrescenta os lazaretos de Beyrouth e Symrna; a Allemanha e a Austria, além de fecharem os seus portos ás procedencias do Egypto, envidam toda a sua influencia diplomatica para activar e generalisar os mais energicos meios de resistencia; a França multiplica as suas commissões, é concentra as suas forças sobre Marselha; a Hespanga abre creditos extraordinarios para beneficiar os seus lazaretos; a Italia, a propria Italia no fim de algumas hesitações, mergulha na Styge de rigorosas quarentenas o calcanhar do Achilles europeu.

O governo portuguez applica as medidas quarentenarias regulamentares, mas até ao presente limita-as aos portos do Egypto, esquecendo a linha fatal das communicações meditterraneas com o Oriente, isto é, Gibraltar, Malta e Chypre.

Resta comtudo um tenebroso ponto vulneravel—a Inglaterra, que confessa pela propria bocca de Sir Charles Dilke a sua descrença na efficacia das quarentenas.

Serão sufficientes todas as precauções tomadas? Não o cremos sinceramente, e faltariamos ao nosso dever se o dissimulassemos. A indifferença da Inglaterra é uma ameaça para a tranquillidade europea; confirmam as nossas apprehensões os jornaes inglezes d'esta semana que temos á vista, dos mais acreditados perante a profissão. Ahi vemos que elles se restringem a pedir applicação da *Ordem dLocal Governament Board* de 17 de julho de 1873, que, entre outras cousas, permitte o desembarque immediato ás pessoas sãs a bordo de um navio suspeito, ou mesmo portador da cholera.

Nem só, porém, os termos da imprensa medica nos levam a concluir que a Inglaterra emprega todos os sophismas para tornar illusoria, a defesa dos estados europeus. Não fallando das velhas tricas e resistencias em Constantinopla e no Egypto, e passando até em claro as suas declarações recentes, temos outras provas manifestas do intento nas opiniões largamente diffundidas dos seus medicos, entre os quaes sobresahe a de Sir William Gull, proclamando que a epidemia de Damietta é uma cholera local, correspondente á *cholera nostras* ou cholerina, apenas aggravada pelas condições de excepcional miseria e falta de accio da população e da cidade. Assim será; mas quem, como o signatario d'estas linhas, presenceiou toda uma epidemia de cholerina, a mais extensa e intensa que é possival imaginar, grassando n'uma quadra de banhos, na Figueira da Foz, em 1879, e observou numerosos casos de tão grave apparato symptomatico, que um facultativo da localidade os imaginava já provenientes do contagio da verdadeira cholera asiatica, que ao tempo grassava em Marrocos, e chegou a mostrar-se em Gibraltar; quem, como nós, notou o contraste profundo entre a gravidade dos symptomas em muitos casos, em que as dejecções superabundantes e continuas, o resfriamento das extremidades, as caimbras, a extrema prostração assustavam o clinico, e a benignidade certa dos resultados, que não inscreveram um unico caso fatal; quem observou uma tão notavel, como xetensa e ephemera epidemia, no meio de uma população accumulada, não percebe facilmente o modo como uma *cholera sporadica*, irrompendo mesmo na mais infecta e suja das cidades orientaes, possa attingir a cifra excessiva da mortalidade que nos referem os telegrammas, e que só a cholera gangetica costuma registrar.

Portanto para nós é ponto de fé que a Inglaterra, fiel aos seus velhos processos, se alguma medida mais apertada tomar na conjunctura actual, será por mera satisfação apparente aos gabinetes e á opinião continental sobresaltada, consentindo a occultas em tudo quanto assegure e facilite, apezar de todos os perigos, a permutação dos productos commerciaes.

Manda, comtudo, a verdade que se registrem algumas considerações, favoraveis ao parecer de Sir William Gull. Mal se explica como uma molestia epidemica e contagiosa, marchando pela via maritima do oriente para occidente, deixasse indemne os portos do Mar Vermelho e os do Canal, para subir um braço do Nilo, inaccessivel aos grandes navios da carreira, e internar-se e fixar-se n'uma cidade secundaria, a dois passos do Cairo e Alexandria. Entretanto esta ponderação decahe perante a ignorancia, em que ainda nos achamos, das vias terrestres que podem ter seguido as caravanas, e perante a consideração de que agora se fazia em Damietta a feira secular importantissima, onde os vinhos de Samos, de reputação homerica, as sedas de Beyrouth se trocam pelas gommas e café da Arabia e pelas especiarias indoustanicas: —o que importa declarar que alli conflue um mundo de gentes diversas, mal cuidadas de suas pessoas e haveres, totalmente ignorantes dos commodos e prescripções hygienicas. Nada portanto mais facil do que a importação da cholera pelos mercadores de Bombaim; e parece que a sua actual presença no mercado está fóra de contestação (1).

Tudo nos induz, pois, a crer que a epidemia do Egypto se deve á criminosa abstenção ingleza. É mais um dos grandes serviços que a civilisação deve á nossa fiel alliada. Para o extremo oriente, para o velho mundo asiatico, leva o lento envenenamento pelo opio; para o occidente traz-nos o presente da cholera-morbus. Que importa, comtanto que isso agrade aos poderosos mercadores da City?

Acode perguntar agora? Sacrificará a Inglaterra egoistamente apenas ao bezerro de ouro, ou inspirar-se-ha, com mais acertado aviso, de algum principio scientifico, de alguma lei epidemiologica, verificada e demonstrada? Será ella a depositaria fiel da verdade medica, obliterada pelo panico no procedimento das nações continentaes?

Nada d'isso. Se abstrahirmos dos modernos trabalhos sobre o parasitismo, limitando-nos a compulsar os precedentes documentos, o *contagiontsmo* da cholera-morbus, affigura-se-nos uma verdade superior a toda a polemica. Quando o não fosse, bastava suscitar-se a contenda, para que uma bem inspirada prudencia, escudando-se na possibilidade do contagio, ordenasse a sequestração quarentenaria e a desinfecção na mais larga escala, tanto mais que a ellas se deve certamente a limitação e extincção de epidemias recentes tanto da cholera como da sua macilenta rival, a febre amarella. Volvendo, porém, ás modernas averiguações sobre as molestias infectuosas, cremos que a duvida acaba por desvanecer-se, e achamos singular que a Inglaterra tão apaixonada das descobertas de Pasteur, accrescentadas e melhoradas por notaveis e indefessos trabalhadores conterraneos, se obstine em excluir a cholera da lista das molestias, transmissiveis de homem para homem pelos mil meios naturaes de communicação mediata e immediata, para só admittir uma diffusão incoercivel pelo ambiente atmospherico contraria aos mais claros e eloquentes factos. Salvo se, ultrapassando os limites do enthusiasmo legitimo, ella julga, como parece deprehender-se de algumas palavras do seu jornalismo medico, que é tarefa de facil realisação submetter o morbo, depois de desembarcado sobre terra britannica. Isto seria ostentar um orgulho intoleravel n'um paiz, cuja policia sanitaria anda muito distante ainda da perfeição.

De modo que a Inglaterra é o grande perigo, o perigo imminente. A sua vizinhança das costas europeas, as suas innumeraveis e constantes relações commerciaes, o enorme poder da sua marinha mercante, a sua tenacidade no erro, dão-lhe o aspecto de uma hydra colosso, ameaçando com os virus das suas multiplices boccas escancaradas o mundo absorto e aterrorado.

Dado este facto, não vemos realmente modo de cortar a marcha da epidemia, principalmente para nós,—paiz insignificante cujos passos são medidos pelo compasso soberano de Saint-James. Entrada em Portugal, o mesmo é que vel-a na vizinha Hespanha, desarmada em presença de uma vasta fronteira indefesa. E se o estreito passo dos Pyrineus a confinar na peninsula, não a inhibirá de espalhar-se na França, e d'ahi no centro da Europa, o turbulento mar do Canal.

Oxalá que nos enganemos em nossos tristes presentimentos. Não favorece o engano a realisação parcial das prophecias. Mais de um vidente, sem demasiado esforço, previu que, nas mãos do inglez, o Egypto ficava a porta aberta e franca ás invasões do microbio gangetico em as nossas paragens. Vai tendo começos de triste realidade o que alguns appellidavam de malevolas insinuações. Fazemos votos por que ahi parem os successos. Deve, porém, dizer-se altamente, francamente, desassombradamente, que o mundo está em risco de ser mais uma vez sacrificado á insaciavel ambição do saxonio, a quem nós, os portuguezes, podiamos em similhante conjunctura devolver os celebres e bem conhecidos versos de Byron.

E que fará o governo portuguez? A resposta é obvia; não te parece, leitor amigo?

AUGUSTO ROCHA.

(1) Os ultimos telegrammas attribuem ao fogueiro de um vapor, o qual chegou a Suez a 19 de julho e veio para Damietta a 21, a importação da epidemia.

Comboyo Mixto

O jornalismo tem andado obeso com o proeminente e espectaculoso testamento do dr. Alvarenga.

O bello astro do Pianhy aparenta-se com a fidalguia sideral que deixa vestigio luminoso por muitos seculos depois da sua morte.

O dr. Alvarenga morreu e prodigalisou o seu dinheiro para lhe dourar o nome em França, Austria, Allemanha, Dinamarca, Brazil, Hespanha, Belgica, Hollanda, Russia, Estados Unidos e America.

No seu testamento legou 5 obrigações do emprestimo hypothecario da Companhia das Aguas de Lisboa a um amigo seu, a fim de lhe escrever biographia para ser profusamente distribuida pela imprensa e Associações scientificas de todos aquelles paizes.

Já se vê que o dr. Alvarenga não receiou deixar a sua reputação por mãos alheias.

Ordenou que as suas cinzas vão para a Faculdade de Medecina; e para esta e para a Escola Medica de Lisboa, o *seu busto com o competente pedestal*, diz textualmente o testamento.

Assim intenta fazer a apoteose de si mesmo.

O duque d'Avilla apetecia para a sua farda quantas condecorações existiam. O dr. Alvarenga é o reverso de esta *medalha*; como um archi-prodigo imperador, faz do seu nome um *crachat* e espeta-o nas Academias e Universidades do Velho e do Novo Mundo.

Mas isto não obsta ao nosso catholico *Requiescat in pace*...

E quem comparasse o testamento do sabio Alvarenga com o do negociante Paulo Cordeiro?

No dia 8 houve em Londres um *meeting* a favor do sufragio das mulheres.

Houve muitos discursos, entre os quaes brilham o do deputado Illingworth, e de mr. Tawett, esposa do Ministro dos Correios.

Resolveu-se dirigir uma representação ao governo, e pedir o auxilio dos politicos de mais influencia.

CARVÃO.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Horario dos comboyos desde 10 de junho de 1883

Lisboa e Porto para Madrid e vice-versa. Comboyos expressos.

Partida de Lisboa ás 6 horas e 45 minutos da tarde; chegada ao Entroncamento ás 9 horas e 3 minutos da noite.

Partida do Porto ás 2 h. e 30 m. da t.; chegada ao Entroncamento ás 9 h. e 2 m. da n.

Partida do Entroncamento ás 9 h. e 23 m. da t.; chegada a Valencia d'Alcantara á 1 h. e 50 m. da m., a Madrid ás 3 h. e 39 minutos da tarde seguinte.

Partida de Madrid ás 11 h. da m.

Partida de Valencia d'Alcantara ás 11 h. e 25 m. da n.; chegada ao Entroncamento ás 3 h. e 40 m. da m.

Partida do Entroncamento ás 4 h. de m. chegada a Lisboa ás 6 h. e 30 m. da m.

Partida do Entroncamento ás 4 h. da m., chegada ao Porto ás 10 h. e 40 m. da m.

Lisboa ao Porto e Badajoz e vice-versa:

Partida de Lisboa (mixto n.º 1) ás 8 h. da m., e (correio n.º 7). 6 h. e 45 m. da t.

Chegada ao Porto (mixto n.º 1) ás 9 h. e 35 m. da n., e (correio n.º 7) 6 h. da m.

Chegada a Badajoz (mixto n.º 41) ás 11 h. da n., e (correio n.º 47) 7 h. e 40 m. da m.

Partida do Porto (mixto n.º 2) ás 6 h. e 30 m. da m., e (correio n.º 8) 7 h. da t.

Partida de Badajoz (mixto n.º 42) ás 5 h. e 15 m. da m., e (correio n.º 48(ás 4 h. da tarde.

Chegada a Lisboa (mixto n.º 2) ás 8 h. e 48 m. da n., e (correio n.º 8) 6 h. e 30 m. da m.

Lisboa a Santarem e Entroncamento e vice-versa;

Partida de Lisboa (mixto n.º 5) ás 4. h. e 30 m. da t., e (mixto n.º 11) 8 h. e 5 m. da noite.

Chegada a Santarem (mixto n.º 11) 12 h. e 7 m. da n.

Chegada ao Entroncamento (mixto n.º 5) 8 h. e 43 m. da n.

Partida ao Entroncamento (mixto n.º 6) 4 h. e 15 m. da m.

Partida de Santarem (mixto n.º 12) 10 h. e 36 m. da m.

Chegada a Lisboa (mixto n.º 6) 9 h. da m., e (mixto n.º 12) 2 h. e 30 m. da t.

Entroncamento e Aveiro ao Porto e vice versa:

Partida do Entroncamento (expresso n.º 9) 4 h. da m.

Partida d'Aveirr (mixto n.º 35) 5 h. e 15 m. da m.

Chegada ao Porto (expresso n.º 9) 10 h. 40 m. da m., e (mixto n.º 35) 8 h. e 45 m. da m.

Partida do Porto (expresso n.º 10) 2 h. e 30 m. da t., e (mixto n.º 36) 4 h. da t.

Chegada a Aveiro, (mixto n.º 36) 6 h. e 51 m. da t.

Chegada ao Entroncamento (expresso n.º 10) 9 h. e 2 m. da n.

Observações

Os passageiros da 3.ª classe de todas as estações de Lisboa até Torres Novas e os das 1.ª e 1.ª classes das do mesmo grupo onde não tem paragem o comboio n.º 7, 47 e 61 pera as estações além do Entroncamento, seguem até esta estação no comboio n.º 5, e tomaram alli aquelle comboio para as estações de norte, leste, ramal, Beira, Minho, Douro, ou linha hespanhola a que se destinem.

O mesmo succede aos passageiros do comboio n.º 62, 48 e 8, em sentido inverso os quaes tomarão no Entroncamento o comboio n.º 6.

Os passageiros de norte para leste seguem no comboio expresso n.º 10, tomando no Entroncamento o expresso n.º 61, e os do leste para norte seguirão ao Entroncamento no expresso n.º 62 para tomarem alli o expresso n.º 9 para o norte.

O comboio n.º 36 só andará aos sabbados e vesperas de dias santificados, e o n.º 35 nas segundas-feiras e dias seguintes aos santificados, e ambos todos os dias desde os mezes de julho a outubro inclusivé.

AOS VIAJANTES

OS MELHORES ESTABELECIMENTOS

EM LISBOA

Alfaiate.— Alfredo Carlos Cruz, Fanqueiros 264.
J. A. Xafredo, Rua Nova do Almada 64.
J. M. Catarro, R. Aurea, 100.
Strauss, Garrett, 48.
Usprung, A. Aurea, 101
Armadores e estofadores—Santos, R. Oriental do Passeio, 142.
Silva & Irmão, R. da Prata, 162.
Roubaud & Filhos, R. Aurea, 286.
Bahuleiros.—José de Carvalho, Capelistas, 15.
Banqueiros. — Fonseca, Santos & Vianna, Capelistas, 120.
Moura Borges & C.ª, Capelistas, 35.
Bazares.—A, Villas, Alecrim, 40.
C. Candido da Cunha—Alecrim, 53.
L. M. da Costa—Alecrim, 52.
Valles—Rua Oriental do Passeio, 156.
Bijouterias e quinquilherias — Antonio Joaquim Cardoso—Bitesga, 47.
Ferreira & Bauberg, Garrett, 31
J. A. Fernandes, Prata, 295
Cabelleireiros—A. Paiva, rua Aurea, 28.
A. Pinto Rua Nova do Carmo, 55.
Baron—Garrett, 61.
Casas François—Rua Nova Trindade 19 e rua Aurea 87.
Silva—R. Larga de S. Roque, 43.
Cafés—Aurea Peninsular, rua Aurea.
Commercial, Principe, 69.
Gibraltar, Caes do Sodré, 36.
Grego—Caes do Sodré.
Madrid —Rua do Outeiro (Loreto), 6
Marrare—T. de Santa Justa 74.
Martinho—Largo de Camões 14.
Calçado—João Carlos Tann, S. Lazaro 171.
Viuva Stelpflug—Alecrim, 27
Caminhos de ferro (agencias)—Carneiro, Retrozeiros 101
Salazar Junior, R. do Ouro 264.
Camisarias Brumós, T. de S. Nicolau 109.
Coutinho—Garrett 96.
Elegante—Largo do Calhariz, 24.
Calvente, Santa Marta 222.
Sallys Trenckel, Ouro 72.
Torres & C.ª—Alfandega 108.
Carruagens de aluguer—R. Larga de S. Roque 28.
Pedro Vasques—Largo da Abegoaria, 29.
Silvestre Botelho—Cruz de Pau, 39.
Carruagens (Fabricas de) —Encarnação—T. da Palha 72.
Gomes. R. Larga de S. Roque 116.
Navarro, R. N. da Palma, 246.
Rego, S. Francisco da Paula. 15.
Cazas de cambio. —Alves Martins, R. N. da Palma 138, e Arsenal 4.
Fonseca, Arsenal 58.
Manaças, Amparo 49.
M. Bogarim, Livramento 118.
Casas de pasto.—Lima, S. Antão 73.
Ribas & Garcia, T. da Palha 213,
Chapelarias.—para homens :
Roxo, P. de D. Pedro 39.
Nomdeden.—Principe 121.
A. Ribeiro & C.ª Garrett 58.
Amado,—Ouro 39
para senhoras e crianças:
Lisboa, Ouro 123.
Sette, Ouro 190.
Cirle & C.ª, R. N. do Almada 47.
M.me Laclan, R. N. do Carmo 18.
Banhado—Ouro 82
Pinto & Barreiros, R. N. do Almada, 108
Confeitarias, Conservarias e Pastelarias — Dias, T. de S. Nicolau 22.
Costa. Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo. Garrett 108.
Pucci, Capelistas, 122
Baltrsqui, Garrett, 49
Correeiros e selleiros, — Coutinho & C. Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, — Policarpo, T. de S. Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 22.
Espingardeiros—Imberton Filho, Ouro 76.
Gravadores—Gerard, R. N. do Desterro 40.
Horticultores—A. Diogo, Algibebes 176.
Hoteis—Alliança, R. N. da Trindade 10.
Bragança—Ferregial de Cima.
Durand—L. Quintella 71.
Español—Prata, 250.
English & Italian, T. Remolares 23.
Luveiros.—Ch. Berard, R. N. do Carmo
Costa & Sousa, Garrett 67.
Hyppolite Delaye, R. N. do Carmo 51.
Ourives.—A. Merêa, Ouro 275.
Boni & C.ª, Ouro 203,
Mourão & Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 273.
Perfumarias.—Praça de D. Pedro.
Ferreira Barbosa, R. N. do Almada 111
Photographias — Camacho, R. N. de Almada, 116
Rochini, P. da Agoa de Flor, 1
Muniz & Martinez, T. E. Galhardo, 26
Restaurantes — Club, T. E. Galhardo, 8
Matta; R. N. do Carmo, 102.
Vidraceiros e occulistas — Pereira, Ouro 90
Costa, Rua de S. Roque, 127
Viuva Moura, Augusta 173.

NO PORTO

Camisaria=Casa de Barcelona, rua de Cedofeita.
Casas de banho=A do Grande Hotel do Porto.
Casas de saude=A do dr. Ferreira, rua de S. Lazaro.
Carruagens de aluguer e deligencias: José Galliza.
Dentista=Romero & Recio R. de D; Pedro 20.
Restaurante=Palacio de Crystal
Sapateiro=Rosa, rua do Bomjardim.
Tabacaria=Caza Havaneza, rua de Santo Antonio, esquina da rua de Santa Catharina.
Photographia=União, Praça de Santa Thereza.
Luvaria=Portuense, rua de Santo Antonio 182-184.
Modistas=M.me Villete, rua de Cedofeita.
Oculista=Bolsom & Pombar Viriato (successor), Rua de Santo Antonio, 171.
Agencia dos Caminhos de Ferro=A Central, rua de Sá da Bandeira.
Alfaiate=Filippe Lousada, rua de Santo Antonio:
Armazens de moveis. Corrêa & Martins. Cedofeita,=17
Cypriano, rua de Cedofeita.

Annuncios

A FABRICA DE FUNDIÇÃO DO OURO
NO PORTO

ESTÁ sempre a pár das invenções mais uteis para todas as industrias e toda a agriculturo, como tem provado com as obras que tem praduzido.

OS ALIMENTADORES DE VAPOR DE ESCAPE, dão incontestavelmente uma economia de 20 por cento no consumo do conbustivel das machinas de vapor de alta pressão, como attestam o srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios da Real e Imperial Chapelaria a vapor, que nos compraram dois d'estes alimentadores.

OS MOTORES A VENTO construidos na «Fundição do Ouro» são, sem duvida alguma, do systema mais solido e que melhor se regulam por si mesmo, como se póde conhecer, examinando o que está montado e a funcionar junto à mesma Fabrica e na quinta da Alegria, proximo á ponte D. Maria Pia sobre o Douro

As machinas de vapor systema «Pantin», em que a Fundição do Ouro se tem tornado insigne, são incontestavelmente as mais economicas em combustivel e as de maior resistencia e mais facil reparação

D'este systema estão hoje 5 machinas e caldeiras em construcção que podem ser vistas e examinadas, a qualquer hora do dia, ou seja dia de trabalho, ou dia Santificado.

O numero das machinas de vapor já construidas n'esta Fabrica sobe a 43, o que, no nosso paiz, è sem duvida o melhor attestado que podemos dar da sua excellente qualidade,

Porto 26 de Junho de 1883.

L. F. de Souza Cruz & Filhos.

GIMNASIO E SALA D'ARMAS

Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.

Medico — Ex.m.º Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professoro para o sexo feminino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Laurel.

AS PESSOAS QUEBRADAS

Com uso d'alguns dias do milagroso emplastro anthephelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplastro tem sido applicado em 36:549 pessoas e ainda não falhou.

Preço 1$500 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia a M. Monteiro.

Travessa do Noronha, 24, LISBOA

HOTEIS

PORTO — *Grande Hotel no Porto* é o Crincipal d'esta grande e opulenta cidade. ponstruido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em largas viagens de estude.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade. proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE — *O Grande Hotel* offerece em aceio, meza, habitações, e commodidades o ideal dos hoteis para estações de verão na montanha. Em balde se lhe buscará um rival fóra de Lisboa e Porto

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante estabelecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MESMA CASA

Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Ricca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

Coches y interpretes en las Estaciones.

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

CAFÉ

PORTO—*Café Suisso,* na Praça de D. Pedro, é sem duvida o melhor estabelecimento do seu genero. Acaba de inaugurar uma rica sala nova, e elegantes e confortaveis gabinetes particulares. Recommenda-se aos viajantes pelo seu luxo, e pela abundancia e finura do serviço.

PHOTOGRAPHIA

PORTO—Fonseca e C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeiros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a juro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM

DE

CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1.º andar

PORTO

4:000$000

Precisam-se até ao fim do mez. Dão-se boas hypothecas ruraes. Carta à Redacção com as iniciaes F. S. S.

EPILEPSIA

Spasmos, Eclampsia e Nevroses

são

RADICALMENTE CURADAS

pelo meu methodo

HONORARIOS PAGOS DEPOIS DA CURA

Tratamento por correspondencia

PROF. DR. ALBERT

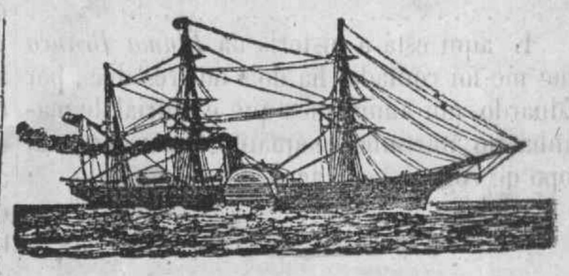
6, PRAÇA DO THRONO 6—PARIS

CHAR-Á-BANCS

Ha um de 6 logares interiores e exteriores, tres cavallos e arreios respectivos.

VENDE TUDO JUNTO OU POR PARTES

João Marques Pires de Miranda, Oliveira do Bairro.



THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhia sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico ás terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*—64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto*—10, Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

José Galliza

A PEDIDO de alguns freguezes principia a sua carreira para as Caldas de Vizella e vice-versa, alternadamente, no dia 1.º de junho proximo; tambem se encarrega da conducção de bagagens para as ditas Caldas.

Tabella dos preços de trens de aluguer para as ditas Caldas a saber:

Landeau, ou char-á-bancs.....	10$000
Coupé, ou victoria.....	9$000
Carroça para conduções.....	10$000

Hora da partida de todos os pontos ás 4 horas da manhã.

N. B. — Tambem tem trens de aluguer nas Caldas para ir buscar às estações de Novellas e Trofa; todo qualquer freguez que queira alugar algum carro das ditas estações para as Caldas, tem que prevenir de vespera no escriptorio, na rua do Laranjal n.º 188—Porto.

Preço de levar ou trazer 4$500.

ENFERMEDADES DE OJOS Y QUIRURGICAS

El médico oculista D. A. Mascaró, ha pagado este año de contribucion la cantidad de 136$565 reis por ejercer su profesion en Lisboa y puede por consiguiente tratar á las personas que le honren con su confianza. Recibe enfermos hasta á médio dia en su clinica, rua do Ferregial de Baixo, 34 y visita á domicilio.

Nota. Suplicase á todos los portugueses honrados y briosos que influyan para que los poderes públicos sobresean las causas criminales instruidas por ejercicio ilegal de la medicina con mengua de la moral publica.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13, e vendedores por todo o paiz.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

OBJECTOS ANTIGOS

Compram-se moveis, louças, sedas, colchas bordadas, pratas, etc. etc. Rua do Alecrim, 54, LISBOA.

LUIZ MARIA DA COSTA.

COMPANHIA DE EGUROS DE VIDA

NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fundo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré.

Imprensa Aveirense — Largo da Vera-Cruz — Aveiro